

DEPOIS DO BOOM: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS DA ESCRAVIDÃO EM MARIANA, 1750-1808

Laird W. Bergad (*)

Resumo Abstract

O objetivo deste artigo é examinar a demografia da escravidão em Minas Gerais entre 1750 e 1808, salientando como a mudança demográfica pode ajudar a compreender as modificações na estrutura da força de trabalho escrava ocorrida com o declínio da mineração. A questão da reprodução escrava, central para os estudos sobre a escravidão no Brasil e em outras partes, será cuidadosamente analisada.

Também será apresentado o primeiro estudo sistemático dos valores de cativos em Minas Gerais durante a segunda metade do século XVIII, ao esgotar-se o *boom* nas exportações de minério.

The objective of this article is to examine the demography of slavery in Minas Gerais between 1750 and 1808, and how demographic change may be used to help understand the readjustments in the structure of the slave labor force which occurred with the decline in mining. The question of slave reproduction, so central to slave studies in Brazil and elsewhere, will be carefully considered. It will also provide the first systematic study of slave values in Minas Gerais as the mineral export boom came to a close during the second half of the 18th century.

Palavras-chave Key words

demografia da escravidão, Minas Gerais, mineração

demography of slavery, Minas Gerais, mining

O autor é do Departamento de Estudos Latino-Americanos e Porto-Riquenhos do Lehman College e do Programa de Ph.D. em História, Centro Universitário e de Pós-Graduação da City University of New York.

(*) Meus agradecimentos ao Council for International Exchange of Scholars e à Fullbright Commission por subvencionar meu trabalho de pesquisador e docente no outono e inverno de 1992/93 na Universidade Federal de Minas Gerais, possibilitando-me levar a cabo este estudo. Sou grato ainda ao Prof. Douglas Cole Libby, diretor do Programa de Mestrado em História da UFMG, pela hospitalidade e cooperação durante minha estada no Brasil. A assistência de Katia Napoleão, diretora do Arquivo de Mariana, foi indispensável em todas as fases deste projeto. Katia ajudou-me a decifrar o português setecentista e desdobrou-se para assegurar que os inventários estivessem sempre prontos para meu exame no início de cada dia de pesquisa. Também quero agradecer especialmente a Elizabeth Botero, que trabalhou comigo na leitura dos inventários de 1750 a 1800. Carlo G. Monti, Elizabeth de Freitas Neves e Tereza C. P. Marcondes, que fizeram a coleta dos dados para os anos de 1801 a 1808, prestaram-me um auxílio de grande valia. Agradeço ainda a Stanley L. Engerman pelos comentários sobre o primeiro esboço deste artigo.

Uma versão em inglês deste trabalho será publicada no início de 1996 em *Latin American Research Review*. Tradução de Laura Teixeira Motta, do original "After the Boom: Demographic and Economic Aspects of Slavery in Mariana, 1750-1808".

Introdução

O estudo da escravidão em Minas Gerais tem sido um componente fundamental da extensa historiografia sobre a escravidão no Brasil trazida à luz nos últimos vinte anos, gerando intenso debate a respeito da história demográfica e econômica da escravidão nessa região.⁽¹⁾ Esse debate enfoca a estrutura da economia escravista mineira na esteira do *boom* mineratório do século XVIII e os temas afins da demografia escrava e do tráfico de cativos para a província. Apesar da obtenção de um vasto conjunto de dados empíricos sobre a escravidão em Minas Gerais no século XIX para servir de base às várias posições no debate, faltam ainda informações essenciais para compreender, de uma perspectiva econômica e demográfica, como funcionou a escravidão na segunda metade do século XVIII.

Este artigo examinará a demografia da escravidão em Minas Gerais entre 1750 e 1808, salientando como a mudança demográfica pode ajudar a compreender as modificações na estrutura da força de trabalho escrava ocorrida com o declínio da mineração. A questão da reprodução escrava, central para os estudos sobre a escravidão no Brasil e em outras partes, será cuidadosamente analisada. Também será apresentado o primeiro estudo sistemático dos valores de cativos em Minas Gerais durante a segunda metade do século XVIII, ao esgotar-se o *boom* nas exportações de minérios. As tendências dos valores de escravos podem ser usadas como importantes ferramentas analíticas para compreendermos os ciclos econômicos, pois a mão-de-obra cativa constituiu o alicerce da economia e sociedade em Minas. Um objetivo é analisar e tornar disponível uma base de dados empíricos sobre valores de escravos que possa ser usada pelos historiadores na tentativa de entender os ciclos de expansão e contração da economia mineira entre 1750 e 1808.

(1) Para um resumo da historiografia recente sobre a escravidão no Brasil, ver o ensaio bibliográfico de SCHWARTZ (1992, p. 1-38). Os debates sobre a escravidão em Minas Gerais já são do conhecimento dos leitores de *Estudos Econômicos*, não havendo necessidade de resumi-los aqui. Podem ser encontrados nos seguintes trabalhos: MARTINS FILHO & MARTINS (1983, p. 537-568). Ver também os comentários críticos sobre esse artigo feitos por SLENES, DEAN, ENGERMAN & GENOVESE (p. 569-590 do mesmo volume). Amílcar e Roberto Martins responderam às críticas em MARTINS FILHO & MARTINS (1984, p. 135-146). Ver também MARTINS, Roberto B. (1980) e uma argumentação mais atualizada apresentada em MARTINS, Roberto B. (1994). A réplica de Slenes encontra-se em SLENES (1976 e 1985). Ver também LIBBY (1988 e 1991); PAIVA & LIBBY (1992, v. 1, p. 185-232); LUNA & CANO (1985); GU'ITIÉRREZ (1987 e 1988); MOTTA (1988); COSTA, SLENES, & SCHWARTZ (1987).

Fontes

As fontes utilizadas para fundamentar este artigo foram as coleções de inventários manuscritos do Arquivo Histórico Casa Setecentista de Mariana. Juntamente com Ouro Preto e Sabará, Mariana foi um dos primeiros núcleos de povoamento em Minas Gerais formados em razão da descoberta de jazidas auríferas de aluvião ao longo dos rios da região em fins do século XVII e início do século XVIII. Em 1711, tornou-se a primeira vila oficialmente estabelecida na capitania, tomando o nome de Vila do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo.⁽²⁾ Desde sua fundação oficial, em 1711, até o início do século XIX, Mariana foi o maior distrito escravista de Minas Gerais, embora não superasse em importância, na economia e sociedade da província, sua rival mais conhecida, Ouro Preto ou Sabará.⁽³⁾ Tratando-se de um importantíssimo centro mineratório e escravista, provavelmente os dados referentes a Mariana são representativos da escravidão em toda a capitania.

Os inventários eram documentos de pessoas falecidas cujos testamentos eram submetidos a decisão judicial.⁽⁴⁾ Nos documentos de Mariana encontram-se inventários de dois cartórios.⁽⁵⁾ Quando se tratava de proprietários de escravos, em geral os dados eram pormenorizados, incluindo o nome, sexo, idade, origem, defeitos físicos, enfermidades e valor estimado dos cativos. Foram examinados mais de 1.300 inventários e coligidos dados de mais de 12.600 escravos entre 1750 e 1808.⁽⁶⁾

(2) A região nas proximidades de Ribeirão do Carmo foi uma das primeiras áreas em que se descobriram jazidas significativas de ouro em 1696. Para a história dos primeiros tempos das Minas Gerais e a fundação das principais cidades da capitania, ver (VASCONCELOS 1974, p. 141-93). Ver também LIMA JÚNIOR (1978, p. 17-55).

(3) Ouro Preto era a capital administrativa da capitania, e Mariana, o centro eclesiástico.

(4) Para um estudo recente que utiliza criativamente os inventários da Bahia, ver BARICKMAN (1994).

(5) As duas principais coleções de inventários dos arquivos de Mariana estão organizadas e intituladas como "ofícios" e não como "cartórios". Existem diversos guias para essas coleções no arquivo de Mariana. Um deles foi elaborado pelos funcionários do arquivo, sendo organizado por ofício, em ordem alfabética, começando pelo último sobrenome do inventariado. Há um outro guia que eu organizei e doei ao arquivo onde estão relacionados os inventários ano a ano, de 1713 a 1888. Guias cronológicos separados foram feitos para cada ofício.

(6) Claro está que, para cada ano examinado, os escravos arrolados nos inventários representavam apenas uma fração do total da população cativa do distrito. Embora o número limitado de escravos incluídos na amostra de cada ano possa ter gerado uma margem de erro imensurável para cada ano, reitero que não existem outras séries temporais de dados com informações demográficas ou informações de valores para os cativos de Mariana ou Minas Gerais no período em estudo.

Esses dados não são ideais no que respeita aos valores dos escravos, pois não refletem as verdadeiras condições do mercado de compra e venda de cativos. Lamentavelmente, não existem documentos com séries temporais uniformes sobre as transações no mercado de escravos que pudessem ser usadas para montar uma base de dados de preços de cativos. Entretanto, os valores dos escravos eram atribuídos por avaliadores teoricamente independentes que faziam um exame físico de cada cativo e estipulavam seu valor. Sem dúvida esses avaliadores poderiam ser suscetíveis ao suborno e, além disso, suas avaliações poderiam ser influenciadas por uma gama variada de fatores subjetivos. Porém, para reduzir a um mínimo a inevitável e desconhecida margem de erro estatístico, foi coligido o maior conjunto de dados possível. Em vez do recurso à amostragem, cada inventário existente foi lido, sendo transcritos os dados de cada escravo arrolado. Ainda que para cada ano individualmente possa haver imprecisões nos valores avaliados de preços de escravos em transações de compra e venda, as tendências de longo prazo indicadas são mais provavelmente acuradas, pois podemos supor que as distorções estatísticas de cada ano teriam sido razoavelmente uniformes no longo prazo. Apesar de suas imperfeições, estes são os únicos documentos históricos conhecidos abrangendo uma extensa estrutura temporal que podem revelar valores de escravos de uma forma sistemática.

Mudança na Demografia Escrava

Os dados gerais sobre o crescimento da população cativa de Mariana limitam-se à primeira metade do século XVIII. Eles indicam que houve uma expansão até 1835, seguida de relativa estabilidade até o início da década de 1840 e então um declínio gradual. Entre 1740 e 1749, o número de escravos em Mariana diminuiu mais de 20%, indicando claramente a contração da atividade mineratória e o encerramento temporário das importações de cativos para a região.⁽⁷⁾

(7) Russell-Wood assinala a década de 1730 como o início do declínio da mineração nas áreas produtoras mais antigas ao redor de Ouro Preto e presumivelmente em Mariana. Ver as descrições da câmara municipal de Ouro Preto que, em 1741, mencionaram grande pobreza, ausência de novas descobertas e exaustão das áreas mineratórias mais antigas em RUSSELL-WOOD (1982, p. 105).

Portanto, não dispomos de documentos sobre a população escrava de Mariana na segunda metade do século XVIII; verificamos que em 1808 essa população diminuiu 7% em relação ao seu nível de 1749. Apesar desse ligeiro declínio ao longo de um período de 60 anos, é evidente que o número de cativos na comarca permaneceu, em boa medida, estável na segunda metade do século XVIII, com coeficientes anuais mínimos de declínio de população.

Estimou-se que cerca de 341.000 escravos tenham entrado em Minas Gerais entre 1698 e 1770.⁽⁹⁾ Embora pouco se saiba a respeito das taxas de natalidade ou mortalidade do período, é indiscutível que, durante a primeira metade do século XVIII, o crescimento da população escrava por meio da reprodução natural foi tolhido pela extrema distorção da razão de masculinidade em favor dos homens africanos importados para a capitania. Em princípios da década de 1750, encerrando-se o *boom* mineratório, havia 792 homens para cada 100 mulheres entre os cativos africanos arrolados em inventários de Mariana, embora a razão de masculinidade global fosse menor incluindo-se os crioulos - 329 homens para cada 100 mulheres. Com os homens perfazendo quase 77% do total da escravaria em meados do século XVIII, o crescimento líquido da população era praticamente impossível. Essas distorções nas razões de masculinidade nos distritos mineratórios das Minas Gerais devem ser examinadas de uma perspectiva comparativa. Stuart Schwartz constatou uma razão de masculinidade global de 113 em 9 engenhos de açúcar na Bahia em 1739, de 199 em lavouras de cana com moinhos entre 1710 e 1827 e de 126 em plantações de cana no mesmo período.(SCHWARTZ, 1985, p. 348)

Porém, com o declínio da mineração após 1750, ocorreram mudanças significativas nas características demográficas da população escrava. À pro-

(9) GOULART (1975, p. 149-154 e 164-166). Para dados sobre importações de escravos de Luanda e Benguela para o Brasil, ver MILLER (1992, p. 77-116). Os estudos de Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa trouxeram à luz muitos dados sobre aspectos demográficos da população cativa de Minas, mas permanece incógnita a questão fundamental das taxas reprodutivas no século XVIII. Em 1734, segundo um informe enviado de Minas à coroa portuguesa, a expectativa de vida produtiva para os cativos, mesmo os mais jovens, era de apenas 12 anos. Naquele mesmo ano, estimou-se que as taxas de mortalidade dos escravos situavam-se entre 5,0% e 6,6%. Esses níveis comparam-se ao da taxa de mortalidade global da população de Vila Rica em 1776 (2,3%). Ver "Ocupação, povoamento - dinâmica populacional" em LUNA & COSTA (1982, p. 23). Ver também LUNA & COSTA (1984 e 1979). Para um resumo dos estudos demográficos sobre Minas Gerais até o início da década de 1980, ver KLEIN (1984).

TABELA 1
POPULAÇÃO ESCRAVA EM MARIANA, 1717-1808

Ano	População Escrava	% dos escravos de Minas Gerais	Ano	População Escrava	% dos Escravos de Minas Gerais
1717	6.834	24,5	1741	26.149	28,1
1718	10.974	31,3	1742	25.491	27,1
1719	10.937	31,3	1743	25.495	27,0
1720	9.812	31,1	1744	24.448	26,7
1728	17.376	33,2	1745	23.438	24,6
1735	26.892	27,8	1746	22.891	24,5
1736	26.752	27,1	1747	21.866	24,8
1737	26.584	27,1	1748	21.331	23,8
1738	26.532	26,1	1749	20.539	23,2
1739	26.545	26,0	1808	19.020	13,9
1740	26.082	27,5			

Fontes: Para os dados de 1717 a 1728, ver RUSSELL-WOOD, (1982, p. 231); para 1735 a 1749, ver BOXER (1964, p. 341-346); para 1808, ver Arquivo Público Mineiro (doravante citado como APM), SG, CX 77, DOC 77.

Após 1750, realizou-se um censo para toda a capitania em 1776 e um levantamento geral da população escrava em 1786, mas dados resumidos só são encontrados para as quatro principais comarcas, ou distritos administrativos gerais: Vila Rica (da qual Mariana fazia parte), Rio das Mortes, Sabará e Serro.⁽⁸⁾

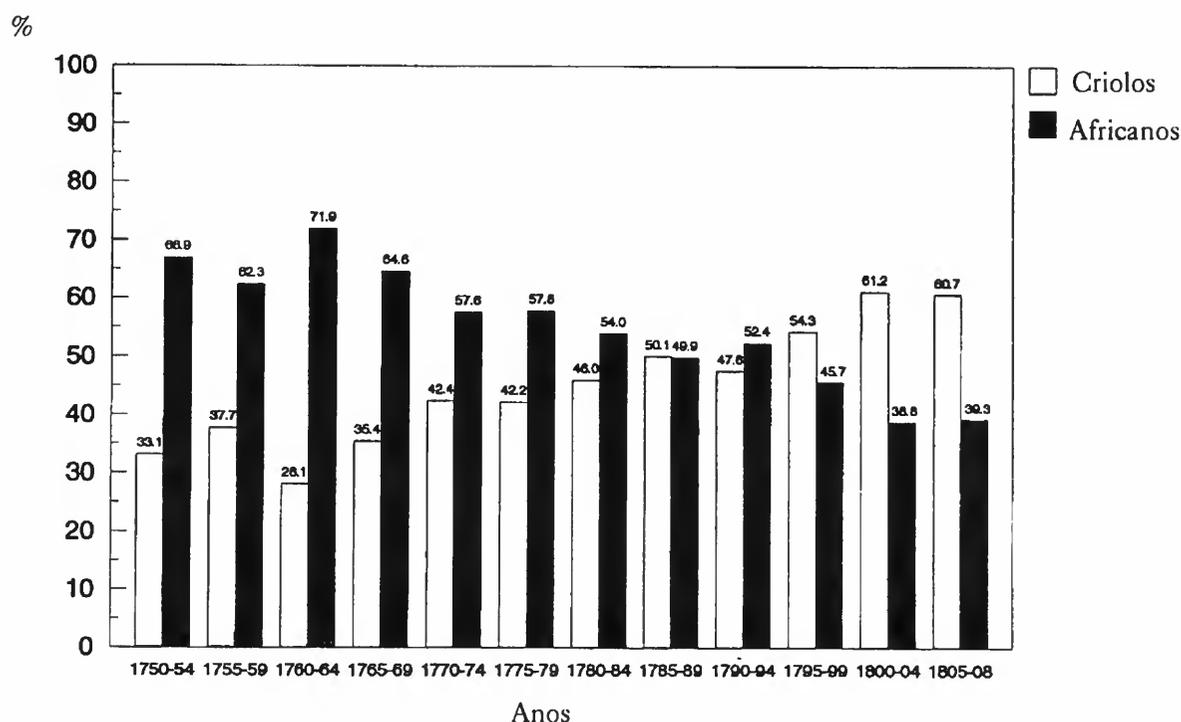
- (8) Dados pormenorizados tornaram-se disponíveis em 1735 devido à implementação do imposto de capitação sobre escravos. Antes de 1735, os impostos eram cobrados sobre a produção de ouro, com a Coroa procurando extrair o quinto régio. Mas os subterfúgios e contrabandos impossibilitavam a cobrança adequada, sendo então imposta uma taxa *per capita* de 4,75 oitavas de ouro para cativos com mais de 12 anos de idade. Esse imposto foi abolido em 1750, restabelecendo-se o quinto. O censo de 1776 registra apenas dados gerais da população por raça, dividindo a população em brancos, pardos e pretos. Pode-se supor que quase todos os pretos e uma boa proporção dos pardos eram escravos. Esses dados foram publicados pela *Revista do Arquivo Público Mineiro* (doravante citada como RAPM), v. 2, n. 3, p. 511, julho-setembro 1899, e são apresentados resumidamente a seguir. O censo de 1786 registrou 174.135 escravos em Minas Gerais, mas inexistem dados para Mariana. Em 1805 foram contados 188.761 cativos em Minas. Os dados de 1786 e 1805 foram indicados em RAPM, v. 4, p. 294-295, 1899.

População da Capitania de Minas Gerais em 1776

Comarca	Branco			Pardos			Pretos		População Total	% do Total	
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres			
Vila Rica	7.847	4.832	12.679	7.981	8.810	16.791	33.961	15.187	49.148	78.618	24,6
Rio das Mortes	16.277	13.649	29.926	7.615	8.179	15.794	26.199	10.862	37.061	82.781	25,9
Sabará	8.648	5.746	14.394	17.011	17.225	34.236	34.707	16.239	50.946	99.576	31,1
Serro	8.905	4.760	13.665	8.186	7.103	15.289	2.304	7.536	29.840	58.794	18,4
Totais	41.677	28.987	70.664	40.793	41.317	82.110	117.171	49.824	166.995	319.769	100,0

porção que a entrada de cativos em Minas diminuiu em fins do século XVIII, os perfis de nacionalidade, sexo e idade da escravaria em Mariana transformaram-se, evidenciando-se especialmente o constante declínio do percentual de africanos e o paralelo aumento da proporção de cativos nascidos no Brasil. No início da década de 1760, os africanos ainda compunham a esmagadora maioria dos escravos de Mariana (72%), mas dali por diante os cativos nascidos no Brasil passaram a apresentar uma participação relativa constantemente crescente. Em 1795, os escravos crioulos estavam claramente em maioria (54%), e ao entrar o século XIX mais de 60% dos cativos de Mariana eram nascidos no Brasil.⁽¹⁰⁾ (Ver Figura 1)

FIGURA 1
ESCRAVOS DE MARIANA SEGUNDO A ORIGEM
1750-1808 (em porcentagens)



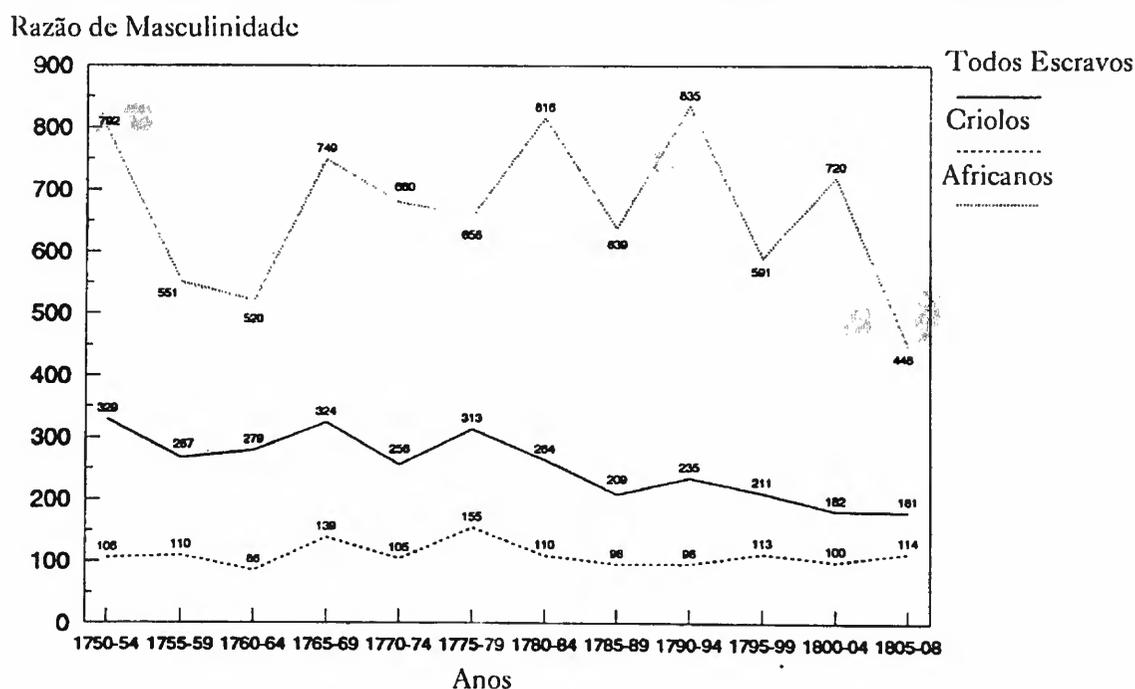
Em Mariana, em fins do século XVIII, as características demográficas da população escrava nascida no Brasil estavam se tornando dependentes de padrões reprodutivos internos. Uma das mudanças resultantes de maior importância foi o acentuado declínio da razão entre homens e mulheres,

(10) Essas mesmas mudanças demográficas estavam ocorrendo em outras partes de Minas Gerais. Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa constataram que, em Ouro Preto, no ano de 1804, 59% de todos os cativos eram nascidos no Brasil. Ver também COSTA (1981); MATHIAS (1969).

embora os cativos do sexo masculino continuassem a perfazer uma maioria significativa em 1808. De 1750 a 1754 a razão de masculinidade (número de homens para cada 100 mulheres) era 329. Entre os cativos listados em inventários entre 1805 e 1808, essa razão era de 181, uma queda de 45% em relação ao período anterior.⁽¹¹⁾ (Ver Figura 2). Outra mudança importante foi a emergência gradual de uma estrutura etária mais equilibrada, salientando-se um número crescente de cativos mais jovens nascidos no Brasil. De 1750 a 1754, 18% de todos os escravos tinham menos de 15 anos de idade, ao passo que entre 1805 e 1808 um terço da amostra da população cativa compunha-se de escravos mais novos nascidos no Brasil (Ver Figura 3).

FIGURA 2
RAZÕES DE MASCULINIDADE PARA OS
ESCRAVOS DE MARIANA - 1750-1808

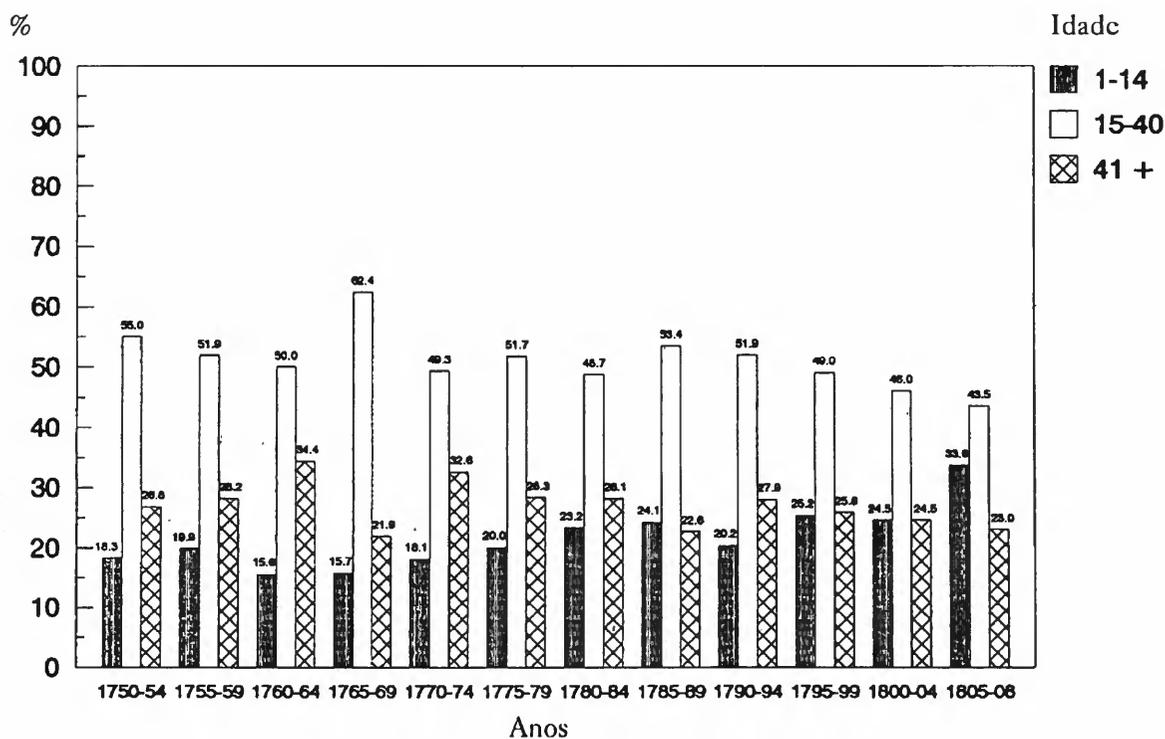
(expressa em número de homens para cada 100 mulheres)



(11) Essa tendência a uma distribuição por sexo mais equitativa é um elemento fundamental na mudança demográfica da população escrava em Minas Gerais, e continuou a verificar-se após 1808. Em 1821 realizou-se um censo populacional pormenorizado em toda a capitania a mando do governador Luis Maria da Silva Pinto; o censo encontra-se publicado em MATOS (1979, v. 2, p. 45-51). Embora em Mariana as razões de masculinidade nos censos de 1808 e 1821 fossem idênticas 180 homens para cada 100 mulheres em Minas como um todo a razão de masculinidade para os cativos diminuiu de 184 em 1808 para 149 em 1821. O fato de os inventários de Mariana indicarem para os cativos da comarca uma razão de masculinidade de 181 entre 1805 e 1808 e de o censo de 1808 revelar uma razão de masculinidade da ordem de 180 indica a precisão dos inventários como fonte para o estudo da demografia escrava.

A população cativa de Mariana tinha declinado gradualmente durante a segunda metade do século XVIII, mas sua estrutura demográfica estava mudando em direção a uma população com possibilidade de crescimento natural. Em princípios do século XIX, a maioria dos cativos era nascida no Brasil; a razão de masculinidade tendia a um melhor equilíbrio entre homens e mulheres e havia um número crescente de cativos mais jovens, com potencial para reproduzir-se no futuro. Entre 1805 e 1808, 53% dos escravos crioulos de Mariana (que perfaziam 61% da população cativa total) tinham menos de 15 anos de idade, e 41% estavam na faixa de 15 a 40 anos. É provável que as taxas de fecundidade e natalidade tenham-se elevado significativamente com tais mudanças. Uma explicação para o crescimento da população cativa após 1800 pode estar na alteração ocorrida depois de 1750 na estrutura demográfica dos escravos e na resultante possibilidade do aumento líquido da população por meio da reprodução natural.⁽¹²⁾

FIGURA 3
ESCRAVOS DE MARIANA POR FAIXA ETÁRIA - 1750-1808
(em porcentagens)



(12) Ver os trabalhos de Vidal Luna e Wilson Cano já citados, bem como seus comentários sobre o livro de Roberto Borges Martins, *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX* (Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1980), que é uma tradução de sua tese de doutorado antes citada. CANO & LUNA (1984).

A explicação para a expansão constante da população escrava de Minas durante o século XIX não poderá ser encontrada antes de obtermos mais dados empíricos sobre as taxas de natalidade e mortalidade, as importações de cativos para a província e as taxas de alforria. Esta última variável é crucial para compreendermos a dinâmica demográfica da escravidão em Minas durante a segunda metade do século XVIII. Pressupõe-se, de um modo geral, que altas taxas de mortalidade tenham sido a causa da contração da população escrava no Brasil. Contudo, vários estudos sobre a escravidão no Brasil colonial indicam um processo constante de alforrias e oportunidades de participação em atividades de mercado entre as populações cativas que poderiam ter conduzido à acumulação de capital para a compra da própria liberdade.⁽¹³⁾ Essas possibilidades não devem ser exageradas. Não obstante, o constante crescimento de uma população de cor livre foi um aspecto importante da história demográfica de Minas Gerais no século XVIII. Em 1808 havia em Mariana mais pessoas de cor livres (44% da população total) do que escravos (38% do total de habitantes).⁽¹⁴⁾ É possível que o declínio global de 7% na população cativa verificado no período de 1749 a 1808 tenha resultado de alforrias ou de migrações para fora da capitania e não de um número de mortes maior que o de nascimentos.

Tudo isso sugere que, com o virtual encerramento do tráfico de escravos para Minas na década de 1770, o crescimento ou contração do contingente escravo ficou por conta apenas da população cativa já existente. O fato de a população escrava de Mariana ter permanecido relativamente estável entre 1750 e 1808 na ausência de importações significativas de africanos entre 1770 e o início do século XIX indica a existência de taxas positivas de reprodução escrava. O aumento da população de negros e mulatos livres foi decorrência do crescimento natural da população e, a julgar por outros estudos sobre a escravidão no Brasil colonial, é bem provável que as alforrias tenham contribuído para o aumento dessa comunidade enquanto reduziam a população cativa.⁽¹⁵⁾ Em certa medida, as alforrias podem ter encoberto as verdadeiras taxas de reprodução escrava.

(13) Ver NISHIDA (1993); SCHWARTZ (1974); HIGGINS (1987); KIERNAN (1976); MATTOSO, KLEIN & ENGERMAN (1986).

(14) Esses dados coadunam-se com os da capitania como um todo. Em Minas Gerais, 43% da população total compunha-se de pessoas de cor livres, enquanto 36% eram escravos. Isso corrobora o fato de que os dados referentes a Mariana eram representativos da escravidão em Minas Gerais como um todo. Estes dados provêm de cálculos que fiz com base em informações do censo de 1808 em APM, SG, CX 77.

(15) A questão das alforrias em Minas durante a segunda metade do século XVIII com base em seu

A estrutura etária da população cativa de Mariana em 1808 é indicada na Tabela 2. Se pudéssemos encontrar dados como estes para o início ou meados do século XVIII, os contrastes sem dúvida seriam notáveis. Havia ainda um óbvio desequilíbrio na razão entre os sexos em favor dos homens. Mas é evidente que o processo de reprodução estava gradualmente determinando a estrutura etária da população. Cativos mais jovens nascidos no Brasil estavam lentamente substituindo os homens africanos em idade produtiva que determinaram a demografia da escravidão em Minas no auge da mineração, na primeira metade do século XVIII. Em 1808, 36% dos cativos de Mariana tinham menos de 20 anos de idade. Esse número estava se aproximando das características etárias da população de brancos e pretos e mulatos livres. Nestes dois setores raciais, 42% da população total tinha 20 anos ou menos de idade.

TABELA 2
POPULAÇÃO DE MARIANA SEGUNDO IDADE, SEXO,
RAÇA E CONDIÇÃO SOCIAL, 1808

Idades	Total de Homens Brancos	%	Total de Mulheres Brancas	%	Total de Brancos	Total de Homens Pretos Livres	%	Total de Mulheres Pretas Livres	%	Total de Pretos Livres
1-5	630	13,7	550	12,7	1.180	246	9,3	229	6,8	475
5-10	562	12,2	323	7,5	885	233	8,8	250	7,4	483
10-20	808	17,6	908	21,0	1.716	534	20,1	603	17,9	1.137
20-30	688	15,0	809	18,7	1.497	266	10,0	385	11,4	651
30-40	648	14,1	603	13,9	1.251	337	12,7	496	14,7	833
40-50	499	10,9	463	10,7	962	350	13,2	435	12,9	785
50-60	379	8,3	295	6,8	674	315	11,9	431	12,8	746
60-70	207	4,5	220	5,1	427	216	8,1	290	8,6	506
70-80	121	2,6	96	2,2	217	105	4,0	171	5,1	276
80-90	44	1,0	49	1,1	93	42	1,6	66	2,0	108
90-100	5	0,1	7	0,2	12	14	0,5	22	0,7	36
Totais	4.591	100,0	4.323	100,0	8.914	2.658	100,0	3.378	100,0	6.036
Razões de Masculinidade			106					79		

continua

estudo sobre Sabará é discutida por HIGGINS (1987, 191-257). Higgins constatou que, com a contração econômica de fins do século XVIII, o número de alforrias por ano reduziu-se em comparação com a primeira metade do século. Essa autora salienta que tal interpretação contradiz boa parte da literatura sobre as alforrias em Minas, na qual se afirma que o declínio da atividade econômica foi acompanhado por um surto de alforrias. Ver, por exemplo, MELLO E SOUZA (1982, p. 28-29)

ESCRavidÃO EM MARIANA

continuação

Idades	Total de Homens Brancos	%	Total de Mulheres Brancas	%	Total de Brancos	Total de Homens Pretos Livres	%	Total de Mulheres Pretas Livres	%	Total de Pretos Livres
1-5	729	6,7	525	9,6	1.254	1.056	13,6	712	8,5	1.768
5-10	643	5,9	558	10,2	1.201	955	12,3	875	10,5	1.830
10-20	1.918	17,5	1.136	20,7	3.054	1.464	18,9	2.195	26,3	3.659
20-30	2.126	19,4	1.138	20,7	3.264	1.170	15,1	1.357	16,2	2.527
30-40	2.140	19,6	840	15,3	2.980	1.030	13,3	1.052	12,6	2.082
40-50	1.546	14,1	580	10,6	2.126	732	9,5	1.003	12,0	1.735
50-60	974	8,9	348	6,3	1.322	619	8,0	616	7,4	1.235
60-70	510	4,7	203	3,7	713	475	6,1	305	3,7	780
70-80	255	2,3	108	2,0	363	153	2,0	155	1,9	308
80-90	84	0,8	43	0,8	127	65	0,8	55	0,7	120
90-100	16	0,1	16	0,3	32	22	0,3	28	0,3	50
Totais	10.941	100,0	5.495	100,0	16.436	7.741	100,0	8.353	100,0	16.094
Razões de Masculinidade			199					93		

Idades	Total de Homens Brancos	%	Total de Mulheres Brancas	%	Total de Brancos	Total de Homens Pretos Livres	%	Total de Mulheres Pretas Livres	%	Total de Pretos Livres
1-5	208	16,1	166	12,8	374	937	7,7	691	10,2	1.628
5-10	229	17,8	174	13,4	403	872	7,1	732	10,8	1.604
10-20	262	20,3	258	19,9	520	2.180	17,8	1.394	20,5	3.574
20-30	204	15,8	222	17,1	426	2.330	19,1	1.360	20,0	3.690
30-40	147	11,4	166	12,8	313	2.287	18,7	1.006	14,8	3.293
40-50	93	7,2	106	8,2	199	1.639	13,4	686	10,1	2.325
50-60	76	5,9	68	5,2	144	1.050	8,6	416	6,1	1.466
60-70	40	3,1	114	8,8	154	550	4,5	317	4,7	867
70-80	18	1,4	12	0,9	30	273	2,2	120	1,8	393
80-90	11	0,9	9	0,7	20	95	0,8	52	0,8	147
90-100	0	0,0	1	0,1	1	16	0,1	17	0,3	33
Totais	1.288	100,0	1.296	100,0	2.584	12.229	100,0	6.791	100,0	19.020
Razões de Masculinidade			99					180		

Idades	Total de Homens Brancos	%	Total de Mulheres Brancas	%	Total de Brancos	Total de Homens Pretos Livres	%	Total de Mulheres Pretas Livres	%	Total de Pretos Livres
1-5	1.302	12,5	941	8,0	2.243	2.869	10,5	2.182	9,6	5.051
5-10	1.188	11,4	1.125	9,6	2.313	2.622	9,6	2.180	9,5	4.802
10-20	1.998	19,2	2.798	23,9	4.796	4.986	18,3	5.100	22,3	10.086
20-30	1.436	13,8	1.742	14,8	3.178	4.454	16,4	3.911	17,1	8.365
30-40	1.367	13,1	1.548	13,2	2.915	4.302	15,8	3.157	13,8	7.459
40-50	1.082	10,4	1.438	12,3	2.520	3.220	11,8	2.587	11,3	5.807
50-60	934	9,0	1.047	8,9	1.981	2.363	8,7	1.758	7,7	4.121
60-70	691	6,6	595	5,1	1.286	1.448	5,3	1.132	5,0	2.580
70-80	258	2,5	326	2,8	584	652	2,4	542	2,4	1.194
80-90	107	1,0	121	1,0	228	246	0,9	222	1,0	468
90-100	36	0,3	50	0,4	86	57	0,2	74	0,3	131
Totais	10.399	100,0	11.731	100,0	22.130	27.219	100,0	22.845	100,0	50.064
Razões de Masculinidade			89					119		

Adicionalmente, a razão entre os cativos mais jovens e as escravas em idade reprodutiva em 1808 indica uma significativa taxa de natalidade com potencial de aumento líquido da população, embora enquanto se desconheciam as taxas de alforria e mortalidade essas conclusões sejam apenas provisórias. Apesar de os dados do censo de 1808 não serem ideais, pois as divisões por idade são muito genéricas, a razão entre crianças e mulheres em Mariana para as idades 1-10/20-50 foi de 1.059 (expressa em número de crianças para cada 1.000 mulheres), 862 para as idades 1-10/15-50, 533 para as idades 1-5/20-50 e 434 para as idades 1-5/15-50.⁽¹⁶⁾ A razão entre crianças e mulheres para as idades 1-10/15-50 (862) foi consideravelmente maior (54%) do que a razão média de 560 (idades 0-9/15-49) verificada em três distritos escravistas de São Paulo em 1829 por Vidal Luna e Klein, provavelmente em razão de haver uma parcela maior de crioulos entre a população cativa de Mariana. (LUNA & KLEIN, 1990, p. 358) E também foi significativamente maior do que a razão média de 597 (idades 0-9/15-45) encontrada por Schwartz em três freguesias rurais baianas em 1788.⁽¹⁷⁾ Mas foi muito menor do que a razão entre crianças e mulheres para cativos nas idades 1-9/14-45 verificada no sul dos Estados Unidos em 1820, área que apresentou a mais elevada razão entre crianças e mulheres de toda a sociedade escravista americana (1.482) e a maior taxa de crescimento populacional.⁽¹⁸⁾ Cabe notar ainda que as razões entre crianças e mulheres escravas em Mariana para as várias categorias etárias indicadas na Tabela 3 eram maiores do que as da população livre negra e mulata da comarca, e aproximavam-se das razões verificadas entre os brancos. Contudo, elas eram mais baixas do que as encontradas entre os cativos da capitania como um todo.

(16) O total das mulheres adultas na faixa de 15-50 aqui empregado é uma estimativa obtida somando-se a todas as escravas de 20 a 50 anos a metade de todas as escravas com idade entre 10 e 20 anos. Essa é, obviamente, uma estimativa com margem de erro indeterminada.

(17) SCHWARTZ (1985, p. 359, tabela 13-9). A razão de 597 é a média das razões entre crianças e mulheres (que Schwartz expressa em centenas, em vez de em milhares, como no presente trabalho) nas três paróquias baianas, cujas razões, segundo Schwartz, eram 72, 49 e 58.

(18) STECKEL (1992, p. 371, v. 2). Em 1860, no sul dos Estados Unidos, a razão entre crianças e mulheres escravas era de 1.056.

TABELA 3
RAZÕES ENTRE CRIANÇAS E MULHERES EM MARIA-
NA E MINAS GERAIS, SEGUNDO IDADES E GRUPOS DA
POPULAÇÃO, 1808

Idade das Crianças/ Idade das Mulheres	Escravos	Pretos e Mulatos Livres	Branco
Mariana			
1-10/20-50	1.059	963	1.101
1-10/15-50	862	743	887
1-5/20-50	533	474	629
1-5/15-50	434	366	507
Minas Gerais			
1-10/20-50	1.233	1.410	1.724
1-10/15-50	949	1.125	1.337
1-5/20-50	615	718	886
1-5/15-50	489	573	687

Um outro indício da possibilidade de reprodução escrava era a razão de dependência da população cativa em 1808, a qual é expressa pela relação entre adultos em idade produtiva (aqui definidos como os de 20 a 50 anos de idade) e o restante da população. Razões mais elevadas indicam maior probabilidade de taxas de mortalidade infantil mais baixas e maior expectativa de vida, bem como baixos níveis de imigração de adultos.⁽¹⁹⁾ (Ver Tabela 4)

(19) Os dados de 1808 para Mariana e Minas Gerais na Tabela 4 foram obtidos dividindo a população na faixa etária de 20-50 pelo restante da população. Os dados relativos à Bahia são médias das idades 15-44 divididas pelo resto da população de três paróquias estudadas por SCHWARTZ (1985, p. 359, tabela 13-9). Embora os dados de 1808 para Mariana e Minas Gerais sejam para categorias etárias diferentes, essas informações apontam os contrastes entre as duas regiões em diferentes períodos de tempo. A Bahia em fins do século XVIII caracterizava-se pela ausência de crescimento da população escrava por meio da reprodução natural e pelas altas taxas de importações de cativos.

TABELA 4
RAZÕES DE DEPENDÊNCIA DO POPULAÇÃO DE MARIANA, MINAS GERAIS (1808) E BAHIA (1788), COMPARADAS SEGUNDO VÁRIOS SETORES DA POPULAÇÃO

	Mariana 1808	Minas Gerais 1808	Bahia 1788
Escravos	104	102	58
Branços	140	177	126
Pretos e mulatos livres	157	167	111

Valores dos Escravos

O estudo dos preços na América Latina e no Caribe reveste-se de importância cada vez maior para os historiadores da economia dessas regiões. Sem uma noção de como os preços das mercadorias mudam ao longo do tempo é praticamente impossível interpretar tendências econômicas de longo prazo.⁽²⁰⁾ A história dos preços tem ocupado uma posição particularmente importante nos debates sobre a escravidão que vêm sendo travados desde fins da década de 1950, época em que a economia do trabalho escravo nos Estados Unidos passou a ser examinada de uma perspectiva científica.⁽²¹⁾ Nesses artigos pioneiros e em outros procurou-se calcular aspectos econômicos da escravidão com o emprego de dados coligidos sobre preço de escravos, taxas de aluguel, informações sobre a produção e movimentos de preços de mercadorias. Historiadores aplicaram algumas dessas metodologias ao estudo do trabalho escravo no Brasil, embora a maioria se tenha concentrado no século XIX, especialmente na época da abolição, nas décadas de 1870 e 1880.⁽²²⁾ Não existem estudos sistemáticos sobre preços de escravos ou a economia da escravidão para o Brasil no século XVIII, embora tenham sido

(20) Para um exemplo de estudo recente, ver os ensaios em JOHNSON & TANDETER (1990).

(21) Esses debates foram introduzidos por artigos escritos por CONRAD & MEYER (1958); EVANS JR. (1962, p. 185-243). O mais importante estudo sobre a economia da escravidão nos Estados Unidos anterior a meados da década de 1960 está resumido em uma série de excertos de livros e artigos em WOODMAN (1966). Para a evolução das interpretações econômicas sobre a escravidão nos Estados Unidos em princípios da década de 1970, ver ENGERMAN (1967, reimpresso em AITKEN (1971, p. 295-327). Ver também FOGEL & ENGERMAN (1974).

(22) Ver, por exemplo, MELLO (1992, p. 63-79, v. 1; MELLO, 1992, p. 629-646, v. 2; MELLO, 1977); SLENES (1976).

publicados alguns trabalhos importantes sobre a história geral dos preços para o Rio de Janeiro e Salvador.⁽²³⁾

Não existem para Minas Gerais dados em séries temporais sobre preços de escravos nem sobre outros aspectos da economia de Minas durante a segunda metade do século XVIII, com exceção das receitas auferidas com a tributação da produção de ouro.⁽²⁴⁾ A imagem geral é a da exaustão da mineração aurífera durante a década de 1750 nas áreas de exploração mais antigas próximo a Sabará, Ouro Preto e Mariana, seguida de um colapso quase total na década de 1770 em toda a capitania. Que tipos de transformações econômicas ocorreram com o fim da economia mineratória?

Na esteira das reformas administrativas e econômicas pombalinas implementadas durante a gestão de Sebastião José Carvalho e Melo, que encabeçou o governo português no reinado de Dom José I (1750-1777), o Brasil passou pelo que se denominou um renascimento agrícola.⁽²⁵⁾ Durante a década de 1780, e posteriormente, ocorreu a progressiva revitalização dos produtos de exportação tradicionais como açúcar e fumo em Pernambuco e na Bahia. O cultivo do algodão expandiu-se no Maranhão e Pernambuco, a produção açucareira aumentou no Rio de Janeiro e São Paulo, a lavoura do café surgiu no Rio de Janeiro e verificou-se um aumento generalizado na produção de grãos e produtos da pecuária no sul do Brasil.⁽²⁶⁾ Como esse processo de renovação econômica afetou Minas Gerais? Na ausência de estudos demográficos ou econômicos sobre Minas em fins do século XVIII o que se tem é apenas uma série de imagens.

Maxwell sugeriu que houve um grande deslocamento populacional na capitania depois da década de 1760, saindo dos centros mineratórios em direção a áreas ao sul contíguas a São Paulo (a comarca do Rio das Mortes),

(23) Ver JOHNSON JR. (1973, p. 231-283); ALDEN (1990, p. 335-371). Este ensaio apresenta preços de escravos para 22 anos, entre 1659 e 1769, mas não revela o número de observações nas quais se basearam os dados. Ver também BUESCU (1973), onde são apresentados alguns dados esparsos de preços em Minas Gerais.

(24) Esses dados foram apresentados de formas variadas, em muitas publicações. Ver, por exemplo, MELLO E SOUZA (1982, p. 43-47); VON ESCHWEGE (1979, v. 1, p. 200-202); MAXWELL (1973, p. 249).

(25) Para o período pombalino, ver a abordagem geral em ALDEN (1968); ver também SILVA (1987, p. 244-283); ALDEN (1987, p. 284-343). O ensaio de Alden menciona o "renascimento agrícola".

(26) Ver ALDEN (1987) para um excelente resumo dessa revitalização econômica de fins do século XVIII, e os ensaios em ALDEN & DEAN (1977). Para dados sobre o comércio exterior brasileiro entre 1796 e 1811, ver ARRUDA (1980).

onde o cultivo da cana-de-açúcar, a pecuária e a produção de grãos gradualmente se instalaram. Porém, ao contrário das capitâneas costeiras, onde a agricultura voltava-se para os mercados exportadores, a estrutura econômica de Minas Gerais passou a gravitar em torno de uma sociedade urbanizada na qual os mercados locais das cidades tornaram-se os pontos de convergência de uma crescente economia agrícola, complementada por uma incipiente manufatura.⁽²⁷⁾

Durante o *boom* mineratório a capitania importara uma parcela substancial de produtos agrícolas e industriais. Mas com o fim da mineração e na ausência de exportações significativas para pagar os produtos importados, a auto-suficiência apontada pelos estudiosos citados no início deste ensaio começou a desenvolver-se.⁽²⁸⁾ Na segunda metade do século XVIII a produção de grãos avolumou-se nas proximidades de São João del Rei, o café desenvolveu-se na Zona da Mata, o açúcar, melado e aguardente foram produzidos também no sul, a pecuária disseminou-se e até mesmo uma rudimentar estrutura manufatureira emergiu. Surgiram planos para a criação de uma "fábrica" de ferro em 1780; produtos em pedra-sabão pratos, telhas, panelas e frigideiras eram produzidos nas antigas regiões mineratórias, e a produção doméstica de artigos têxteis destinados aos mercados locais aumentou.⁽²⁹⁾ A população dispersou-se das regiões mineratórias em direção aos afluentes do rio São Francisco, a oeste para as regiões fronteiriças do Triângulo Mineiro e ao sul para o Rio de Janeiro e São Paulo.⁽³⁰⁾ Entretanto, apesar dessas imagens gerais, não existe material quantitativo confiável sobre as mudanças na forma de uso e posse da terra, na produção ou no comércio.

(27) MAXWELL (1973, p. 87-98). Maxwell postula que essa estrutura sócio-econômica cada vez mais voltada para dentro em Minas Gerais chocava-se com o desejo de Portugal de estimular ligações externas, e que esse teria sido um fator da Inconfidência Mineira de 1789.

(28) Para o abastecimento das Minas Gerais durante o *boom* mineratório, ver o informativo estudo de ZEMELLA (1951).

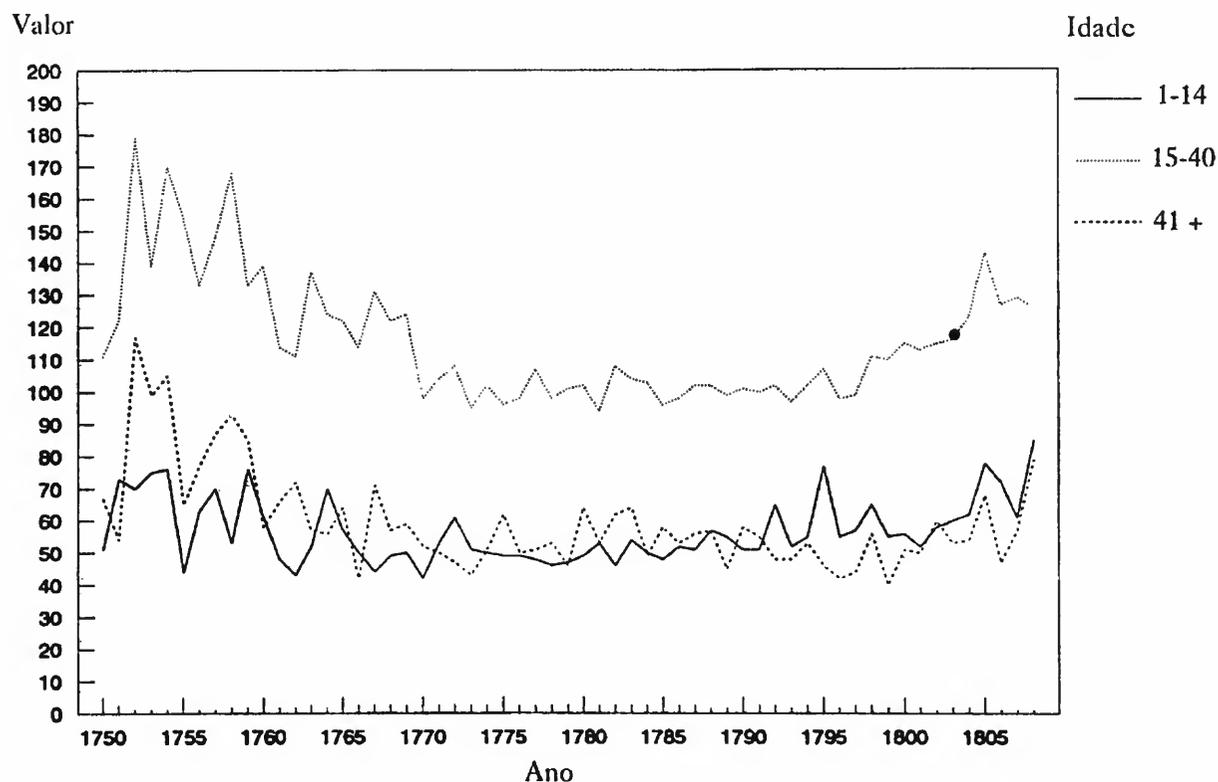
(29) Ver ZEMELLA (1951, p. 196, 256-257). O estudo de Douglas Cole Libby sobre a "proto-industrialização" durante o século XIX examina esse processo de industrialização por substituição de importações após o período inicial em fins do século XVIII. Ver LIBBY (1988).

(30) Para uma descrição bastante vaga e geral desse processo, ver BARBOSA (1971). Esse autor afirma que, na década de 1760, os pecuaristas mineiros estavam até mesmo exportando couro para o Rio de Janeiro. As detalhadas descrições de Minas Gerais feitas por Auguste de Saint-Hilaire durante sua passagem pelo Brasil de 1816 a 1822 são muito sugestivas. Embora as observações de Saint-Hilaire tenham sido feitas um pouco depois do período em consideração neste artigo, elas são importantes. Esse autor mencionou o cultivo de cana-de-açúcar, trigo, milho, algodão, fumo, arroz, feijão e vários outros produtos de subsistência durante suas viagens pela capitania. Ver SAINT-HILAIRE (1975).

Na ausência de dados consistentes sobre a economia em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII, as tendências seculares dos valores de escravos podem ser usadas para ajudar a compreender os ajustamentos econômicos ocorridos em Minas Gerais na esteira do *boom* mineratório.

Os dados de Mariana indicam três períodos definidos no movimento dos valores de escravos entre 1750 e 1808. O primeiro ocorreu entre 1750 e 1773, quando a economia mineratória prosseguiu no constante declínio evidenciado desde a década de 1730; nessa fase o valor dos cativos em idade produtiva diminuiu continuamente (ver Figura 4).

FIGURA 4
VALORES DOS ESCRAVOS DE MARIANA POR FAIXA ETÁRIA 1750-1808
 (em mil-réis)



O segundo período, entre 1773 e 1796, marcou-se pela relativa estabilidade nos valores dos escravos, em níveis consideravelmente mais baixos do que os do apogeu da atividade mineratória. A história econômica de Minas Gerais durante esse período caracterizou-se pela contínua contração

da mineração e pela reorganização econômica geral, que foram acompanhadas por um significativo crescimento do setor agrícola de subsistência, da agricultura comercial orientada para os mercados locais e da diversificação econômica generalizada.

Após 1796, os valores dos escravos passaram a crescer significativamente, atingindo um pico em 1805. Essa elevação relacionou-se às crescentes demandas por mão-de-obra na província em razão de um novo ciclo de crescimento econômico. A capitania não só estivera passando por um processo de diversificação econômica mas, além disso, forjara fortes ligações com as revitalizadas economias açucareira e cafeeira de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo estas estimuladas por aumentos de preços nos mercados mundiais devido ao impacto econômico da rebelião escrava no Haiti e das guerras do período napoleônico na Europa.⁽³¹⁾

Os valores dos escravos em Mariana entre 1750 e 1808 eram determinados pela idade, sexo e nacionalidade. Os valores de cativos em idade produtiva (15 a 40 anos) eram sempre significativamente mais elevados do que os de escravos mais jovens ou mais velhos e, na maioria dos anos, chegaram a ser o dobro dos valores destes. A tendência secular para os cativos com mais de 40 anos foi semelhante à de escravos em idade produtiva entre 1750 e 1808, embora em níveis bem inferiores.

Entretanto, para os escravos com menos de 15 anos verificaram-se importantes diferenças nas tendências dos valores a eles atribuídos. Apesar de haver flutuações no curto prazo, existiu no longo prazo uma estabilidade na estrutura de preços de mercado para os escravos mais jovens em Mariana. Essa é uma descoberta importante, pois na década de 1770 o diferencial entre seus níveis de valores e os dos escravos em idade produtiva diminuiu consideravelmente. Isso coincidiu com o provável início da reprodução escrava e a expectativa de que cativos mais jovens nascidos no Brasil vivessem até a idade adulta, com a implicação de que os custos de criar crianças escravas poderiam ser reavidos quando elas atingissem a idade produtiva no fim da adolescência. Esse fato indica que, na era pós-mineração, a crescente população de cativos nascidos no Brasil existente em Mariana provavelmen-

(31) Para uma discussão sobre os aumentos da produção açucareira no Brasil em fins do século XVIII e início do século XIX, ver SCHWARTZ (1985, p. 422-434). Sobre a alta de preços em todo o Brasil na década de 1790 e no início do século XIX, ver ARRUDA (1980, p. 331-352). Uma das desvantagens de usar valores nominais de escravos para medir tendências de mercado é o fato de eles não medirem flutuações de preços resultantes de inflação ou deflação. Esse problema exacerba-se pela ausência de índices de preço para o Brasil no século XVIII que pudessem ser usados para converter preços nominais em "reais". Uma exceção é o índice de preços para o mercado de Salvador entre 1710 e 1769 publicado em ALDEN (1990, p. 360-361).

te estava vivendo mais tempo. Esses valores comparativamente mais elevados dos cativos mais jovens também coincide com a contração das importações de escravos para Minas Gerais e com a implicação de que a futura população escrava em idade produtiva seria dependente de cativos mais jovens que sobrevivessem até a idade adulta.

Apesar das taxas de reprodução escrava aparentemente crescentes em fins do século XVIII, atribuíram-se às mulheres em idade produtiva e reprodutiva valores inferiores aos dos homens em quase todos os anos entre 1750 e 1808, com pequena variação significativa no longo prazo nas razões entre os preços de homens e mulheres. Esses preços mais elevados dos cativos do sexo masculino eram esperados na época em que a mineração ainda dominava a economia local, devido à maior demanda por mão-de-obra masculina no setor mineratório e ao alto nível de importações de africanos predominantemente do sexo masculino. Entretanto, com o declínio da mineração e progressiva diversificação econômica da região, esperava-se maior igualdade nos valores dos cativos segundo o sexo, especialmente tendo em vista a reprodução e o diferencial de preços cada vez menor para os escravos em idade produtiva e os cativos mais jovens. Isso deveria ter gerado a atribuição de altos valores ao potencial reprodutivo feminino. Contudo, houve pouca variação no diferencial de preços de homens e mulheres em idade produtiva, apesar das mudanças no caráter demográfico da população escrava previamente indicadas.⁽³²⁾

Os dados sobre valores de escravos por nacionalidade revelam ainda a ausência de uma atribuição de valor maior a cativos aculturados. Os escravos nascidos no Brasil em idade produtiva, fossem homens ou mulheres, uniformemente apresentaram valores um pouco inferiores aos dos africanos nas mesmas condições. Isso provavelmente relacionava-se à intensa demanda por africanos em idade produtiva na época em que o tráfico de cativos para Minas contraiu-se em fins do século XVIII. Havia provavelmente diferenças nas estruturas ocupacionais segundo a nacionalidade, e sem dúvida maiores

(32) Essa é uma constatação intrigante, pois a capacidade reprodutiva feminina deveria ser muito valorizada se a população cativa realmente estivesse crescendo. É possível que não se valorizassem muito as mulheres em idade produtiva exatamente porque a reprodução era uma coisa bastante comum. Um outro fator pode ter sido a maior produtividade, no curto prazo, da mão-de-obra masculina em comparação com a feminina, mesmo levando-se em consideração o benefício de mais longo prazo da reprodução associado às mulheres. Bergad, García e Barcia constataram que, quando o tráfico cubano de escravos foi ameaçado por variáveis políticas externas no século XIX, o preço de mulheres em idade reprodutiva elevou-se abruptamente em relação ao dos homens de mesma faixa etária, porém apenas por breves períodos de tempo. Verificaram também maior igualdade na atribuição de valor aos homens e mulheres em idade produtiva entre 1820 e 1880. Ver BERGAD, GARCÍA & BARCIA (1995).

proporções de africanos trabalhavam em setores primários da economia, como mineração, agricultura e criação de gado. Sabe-se que houve a preferência por cativos crioulos para as ocupações domésticas na maioria das sociedades escravistas, e os padrões do trabalho em Minas Gerais não foram exceção. Pode ser que os africanos tenham sido considerados mais economicamente produtivos do que os crioulos em razão de suas diferenças ocupacionais, elevando-se em conseqüência seus valores relativos. Também é possível que uma abundância de escravos nascidos no Brasil e uma crescente escassez de africanos ao encerrar-se o século XVIII, independentemente da ocupação, tenha feito baixar relativamente o preço dos crioulos, dada sua maior disponibilidade. Enquanto não pudermos dispor de mais dados sobre os preços dos cativos em diferentes ocupações com base em fontes documentais essas constatações são apenas sugeridas.

A série de preços de escravos de Mariana por idade, sexo e nacionalidade de 1750 a 1808 é indicada na Tabela 5.

TABELA 5
VALORES DE ESCRAVOS EM MARIANA, 1750-1808
(MIL-RÉIS)

	1750		1751		1752		1753		1754		1755		1756		1757	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	86	143	94	70	141	43	113	40	142	203	111	45	101	243	119	97
Homens	93	103	91	47	149	34	119	33	150	167	123	31	102	175	127	70
Mulheres	67	40	100	23	109	9	84	7	105	36	82	14	100	68	98	27
Crioulos	71	59	85	32	113	15	104	12	104	45	65	14	93	105	97	32
Africanos	97	83	100	35	156	28	117	27	154	154	131	31	108	134	130	65
Homens Crioulos	72	32	76	15	120	10	108	7	103	20	46	5	85	56	99	16
Mulheres Crioulas	70	27	94	17	99	5	98	5	105	25	76	9	102	49	95	16
Homens Africanos	102	71	96	29	162	24	122	25	157	143	138	26	110	115	136	54
Mulheres Africanas	64	12	118	6	121	4	50	2	105	11	94	5	95	19	102	11
Idades 1-14	51	35	73	18	70	6	75	5	76	26	44	9	63	52	70	13
Homens	53	18	58	10	72	5	62	3	76	12	46	5	56	30	68	8
Mulheres	49	17	91	8	60	1	95	2	76	14	42	4	72	22	72	5
Crioulos	50	33	73	18	70	6	75	5	74	25	44	9	63	51	66	10
Africanos	66	2							120	1			60	1	83	3
Idades 15-40	111	74	122	29	179	21	139	17	170	128	154	24	133	120	148	50
Homens	116	57	121	18	193	15	141	16	175	110	167	18	135	83	154	37
Mulheres	95	17	124	11	144	6	100	1	139	18	118	6	127	37	134	13
Crioulos	102	24	119	11	162	7	134	5	152	18	108	3	131	47	135	16
Africanos	115	50	128	16	188	14	141	12	173	107	161	21	134	72	155	34
Homens Crioulos	96	15	167	3	184	4	143	4	152	8			134	22	135	9
Mulheres Crioulas	111	9	101	8	133	3	100	1	151	10	108	3	129	25	135	7
Homens Africanos	123	42	115	13	196	11	141	12	177	99	167	18	136	60	160	28
Mulheres Africanas	77	8	185	3	155	3			123	8	127	3	123	12	132	6
Idades 41+	67	32	54	17	117	16	99	17	105	49	65	11	77	70	87	17
Homens	73	27	55	13	130	14	106	14	109	45	74	8	80	61	100	13
Mulheres	36	5	53	4	28	2	63	3	58	4	42	3	57	9	44	4
Crioulos			35	3	68	2	90	1	60	2	35	1	53	7	45	1
Africanos	69	31	59	14	124	14	97	15	109	46	68	10	78	60	90	16

continua

continuação

	1758		1759		1760		1761		1762		1763		1764		1765	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	134	36	102	52	96	85	93	162	88	59	110	86	91	82	102	124
Homens	140	30	103	41	99	50	98	131	92	49	120	58	94	64	107	93
Mulheres	105	6	96	11	92	35	72	31	69	10	89	28	82	18	86	31
Crioulos	76	8	88	15	84	31	72	41	69	9	68	25	86	21	78	42
Africanos	151	28	109	36	102	53	101	116	92	48	127	61	93	59	119	73
Homens Crioulos	49	5	80	9	93	12	79	23	108	4	65	9	94	9	71	25
Mulheres Crioulas	121	3	100	6	78	19	64	18	39	5	70	16	79	12	88	17
Homens Africanos	158	25	111	31	100	37	102	105	91	43	130	49	94	53	122	65
Mulheres Africanas	90	3	92	5	108	16	92	11	100	5	115	12	88	6	93	8
Idades 1-14	53	6	76	9	61	12	48	18	43	6	52	15	70	12	57	25
Homens	49	5	78	7	75	5	50	9	60	1	47	7	70	3	58	17
Mulheres	72	1	69	2	51	7	46	9	39	5	57	8	69	9	57	8
Crioulos	53	6	65	8	58	11	45	17	43	6	49	14	70	12	53	21
Africanos			160	1	95	1	110	1			100	1			100	2
Idades 15-40	168	23	133	20	139	36	114	38	111	29	137	52	124	36	122	81
Homens	184	18	134	15	151	21	124	26	109	26	139	39	126	31	128	61
Mulheres	112	5	127	5	124	15	91	12	130	3	132	13	107	5	102	20
Crioulos	145	2	120	6	104	10	99	11	123	3	124	7	90	2	107	19
Africanos	171	21	138	14	152	25	122	26	112	25	139	45	125	33	131	57
Homens Crioulos			113	3	110	5	124	5	123	3	118	3	80	1	101	9
Mulheres Crioulas	145	2	127	3	99	5	78	6			128	4	100	1	112	10
Homens Africanos	184	18	140	12	163	15	124	21	110	22	141	36	127	29	135	51
Mulheres Africanas	90	3	128	2	137	10	113	5	130	3	133	9	109	4	100	6
Idades 41+	93	7	85	19	58	25	66	44	72	21	57	14	56	20	64	11
Homens	93	7	89	15	56	19	68	40	74	19	75	9	57	8	68	10
Mulheres			71	4	63	6	53	4	54	2	25	5	45	2	20	1
Crioulos			80	1	50	1	35	1			33	3			80	1
Africanos	93	7	86	17	58	24	68	40	72	21	64	11	58	19	62	10

	1766		1767		1768		1769		1770		1771		1772		1773	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	92	39	106	65	85	133	96	110	69	97	77	226	82	253	69	136
Homens	97	27	112	52	90	100	100	87	73	70	80	153	85	163	70	95
Mulheres	81	12	82	13	72	33	82	23	60	27	71	73	76	90	66	41
Crioulos	99	14	72	16	72	49	94	42	65	50	78	93	84	125	73	54
Africanos	88	25	124	42	94	77	97	66	73	46	75	129	78	122	66	80
Homens Crioulos	113	7	54	9	74	27	103	27	67	28	88	39	92	61	84	23
Mulheres Crioulas	84	7	95	7	69	22	79	15	63	22	71	54	77	64	65	31
Homens Africanos	91	20	127	39	96	69	99	58	76	41	76	112	80	97	65	71
Mulheres Africanas	78	5	87	3	73	8	87	8	48	5	68	17	73	25	68	9
Idades 1-14	50	2	44	11	49	14	50	15	42	23	53	37	61	53	51	22
Homens			42	7	46	8	57	6	40	15	59	14	61	25	57	7
Mulheres	50	2	47	4	53	6	46	9	45	8	50	23	60	28	48	15
Crioulos	50	2	48	9	49	13	50	15	42	23	53	35	57	49	51	21
Africanos											60	2	100	4	50	1
Idades 15-40	114	27	131	43	122	46	124	60	98	42	104	96	108	114	95	63
Homens	116	20	136	36	124	39	125	49	107	30	105	66	116	68	98	43
Mulheres	107	7	106	7	111	7	117	11	75	12	100	30	97	46	89	20
Crioulos	107	12	125	4	119	7	125	24	93	20	102	43	111	63	93	30
Africanos	119	15	135	35	124	36	123	35	102	21	105	51	106	46	98	32
Homens Crioulos	113	7			127	5	120	19	113	9	113	20	124	31	96	16
Mulheres Crioulas	97	5	125	4	100	2	144	5	77	11	93	23	99	32	89	14
Homens Africanos	117	13	137	33	124	33	129	29	104	20	101	45	110	33	100	26
Mulheres Africanas	130	2	90	2	120	3	94	6	60	1	128	6	95	13	88	6
Idades 41+	42	10	71	10	57	33	59	25	52	32	50	77	47	69	43	51
Homens	41	7	72	8	59	28	59	22	52	25	52	60	49	55	45	45
Mulheres	43	3	68	2	45	5	60	3	52	7	42	17	38	14	33	6
Crioulos			78	2	36	4	35	2	61	7	59	7	60	12	35	3
Africanos	42	10	71	7	58	27	61	22	49	25	48	68	44	56	44	47

continua

continuação

	1774		1775		1776		1777		1778		1779		1780		1781	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	79	225	77	99	76	206	79	284	78	228	70	127	77	155	70	415
Homens	80	185	81	78	78	165	84	210	80	173	73	97	81	106	77	287
Mulheres	70	40	65	21	68	41	66	74	71	55	60	30	67	49	56	128
Crioulos	74	85	68	41	73	74	77	141	67	85	59	47	74	82	58	221
Africanos	83	135	85	54	78	127	81	139	84	141	76	75	80	72	85	188
Homens Crioulos	77	57	73	26	77	49	84	85	70	51	62	27	84	44	63	113
Mulheres Crioulas	67	28	59	15	65	25	67	56	63	34	54	20	63	38	53	108
Homens Africanos	83	126	85	49	78	114	84	122	85	120	77	65	80	62	86	170
Mulheres Africanas	78	9	89	5	81	13	66	17	83	21	71	10	83	10	70	18
Idades 1-14	50	35	49	20	49	36	48	56	46	42	47	29	49	55	53	127
Homens	45	21	54	12	50	22	49	32	45	25	50	18	53	24	61	73
Mulheres	56	14	41	8	48	14	46	24	48	17	42	11	46	21	43	54
Crioulos	50	35	46	19	50	35	47	55	43	39	45	26	50	44	45	106
Africanos			95	1			80	1	77	3	65	2	40	1	94	21
Idades 15-40	102	117	96	54	98	78	107	145	98	135	101	49	102	63	94	171
Homens	105	98	98	44	101	61	111	110	99	107	103	39	108	44	102	119
Mulheres	88	19	87	10	86	17	93	35	93	28	91	10	89	19	76	52
Crioulos	105	33	94	19	92	25	108	69	95	35	87	12	105	34	81	72
Africanos	102	81	97	34	100	53	105	75	99	100	106	35	99	9	103	97
Homens Crioulos	113	23	97	13	99	14	113	45	98	22	96	6	118	19	91	34
Mulheres Crioulas	86	10	87	6	84	11	98	24	89	12	77	6	88	15	73	38
Homens Africanos	103	75	98	30	102	47	109	64	99	84	105	31	100	25	106	85
Mulheres Africanas	101	6	87	4	90	6	82	11	97	16	113	4	93	4	83	12
Idades 41+	51	60	62	23	50	62	51	77	53	50	46	34	64	44	53	114
Homens	52	54	65	21	50	56	54	63	55	40	48	28	67	37	56	93
Mulheres	38	6	34	2	49	6	38	14	47	10	40	6	52	7	36	21
Crioulos	60	14	38	3	69	8	49	17	68	12	67	3	82	4	50	42
Africanos	48	46	65	17	47	51	52	59	49	37	44	31	63	39	54	68

	1782		1783		1784		1785		1786		1787		1788		1789	
	Preço	N														
Todos os Escravos	78	332	84	257	79	358	73	278	76	307	78	391	88	241	75	353
Homens	80	267	90	186	86	256	80	179	80	200	82	277	94	172	79	234
Mulheres	71	65	67	71	64	102	62	99	70	107	66	114	75	69	67	119
Crioulos	74	141	71	99	71	151	64	155	70	150	70	178	78	90	69	209
Africanos	82	182	92	156	86	197	85	121	82	150	85	209	95	145	83	144
Homens Crioulos	76	85	79	46	80	80	71	71	74	76	78	94	83	35	72	109
Mulheres Crioulas	71	56	64	53	60	71	59	84	66	74	61	84	75	55	66	100
Homens Africanos	83	173	94	139	89	166	86	106	83	120	85	181	96	132	84	125
Mulheres Africanas	70	9	77	17	73	31	78	15	80	30	84	28	79	13	74	19
Idades 1-14	46	71	54	48	50	68	48	84	52	85	51	85	57	35	55	101
Homens	48	45	58	20	51	29	48	40	57	41	53	41	47	9	56	52
Mulheres	43	26	51	28	49	39	48	44	48	44	49	44	60	26	53	49
Crioulos	44	68	54	48	47	65	48	84	52	83	51	81	57	35	53	98
Africanos	97	3			107	3			120	1	60	3			93	3
Idades 15-40	108	142	104	144	103	200	96	138	98	158	102	195	102	159	99	174
Homens	111	110	108	112	106	159	104	93	101	104	109	140	106	123	105	118
Mulheres	95	32	87	32	89	41	79	45	92	54	85	55	91	36	87	56
Crioulos	108	63	96	38	97	70	90	59	96	63	94	76	99	44	95	84
Africanos	107	79	107	106	107	123	100	78	100	90	107	118	104	110	103	90
Homens Crioulos	115	35	109	18	102	46	108	26	95	35	104	43	112	17	104	42
Mulheres Crioulas	99	28	84	20	85	24	76	33	96	28	81	33	91	27	87	42
Homens Africanos	109	75	108	94	109	106	102	66	104	66	111	96	105	101	106	76
Mulheres Africanas	68	4	93	12	96	17	87	12	89	24	92	22	91	9	86	14
Idades 41+	62	113	64	63	49	86	58	51	53	63	56	107	57	41	45	74
Homens	62	107	66	53	51	66	60	43	55	54	57	93	58	34	46	61
Mulheres	65	6	53	10	44	20	45	8	44	9	46	14	49	7	37	13
Crioulos	58	8	66	12	57	13	51	10	50	4	57	20	51	9	40	24
Africanos	62	97	63	49	48	70	59	40	54	58	56	85	58	31	47	50

continua

continuação

	1790		1791		1792		1793		1794		1795		1796		1797	
	Preço	N														
Todos os Escravos	82	244	76	325	83	164	72	439	79	268	80	203	75	445	73	420
Homens	84	211	80	228	83	122	79	264	82	183	79	148	78	318	78	277
Mulheres	69	33	67	97	84	42	62	175	73	85	83	55	70	127	65	143
Crioulos	73	63	69	126	86	77	69	285	71	135	91	91	71	215	73	266
Africanos	86	176	81	199	81	87	79	154	88	130	70	110	80	225	72	145
Mulheres Crioulas	76	38	76	54	86	46	78	132	74	61	95	47	74	114	81	142
Mulheres Crioulas	68	25	64	72	87	31	61	153	69	74	86	44	69	101	65	124
Homens Africanos	87	169	81	174	82	76	80	132	87	120	70	100	81	199	73	126
Mulheres Africanas	66	7	78	25	75	11	69	22	99	10	70	10	71	26	62	19
Idades 1-14	51	18	51	57	65	28	52	128	55	68	77	29	55	99	57	126
Homens	56	13	50	23	62	19	56	57	57	34	58	12	53	50	60	63
Mulheres	38	5	52	34	71	9	48	71	54	34	90	17	56	49	54	63
Crioulos	46	16	51	56	65	28	51	127	53	65	77	29	54	98	56	123
Africanos	90	2	40	1			105	1	108	3			115	1	95	2
Idades 15-40	101	134	100	158	102	96	97	207	102	139	107	98	98	239	99	180
Homens	103	117	103	114	105	68	106	130	106	95	114	67	101	177	107	122
Mulheres	90	17	90	44	94	28	82	77	92	44	91	31	90	62	85	58
Crioulos	99	28	99	49	106	41	92	120	96	58	106	55	95	98	99	114
Africanos	102	103	100	109	99	55	103	87	106	80	108	42	101	138	101	59
Homens Crioulos	106	15	109	23	114	21	106	55	104	25	116	31	98	55	109	65
Mulheres Crioulas	91	13	90	26	97	20	81	65	91	33	93	24	91	43	86	49
Homens Africanos	103	100	102	91	101	47	106	75	107	70	112	36	103	119	104	50
Mulheres Africanas	79	3	90	18	87	8	87	12	99	10	85	6	87	19	79	9
Idades 41+	58	81	55	110	48	38	48	103	53	52	46	75	42	103	44	100
Homens	59	75	58	91	49	33	50	76	54	46	47	68	44	87	45	80
Mulheres	37	6	41	19	47	5	43	27	45	6	34	7	33	16	42	20
Crioulos	48	13	45	21	49	7	54	38	45	8	30	7	41	19	42	25
Africanos	59	67	57	89	48	31	45	65	55	43	46	67	43	82	45	74

	1798		1799		1800		1801		1802		1803		1804		1805	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	84	360	77	85	87	311	79	225	81	204	81	248	92	197	103	172
Homens	90	241	80	57	91	200	85	141	83	129	85	155	97	140	98	106
Mulheres	73	119	72	28	80	111	70	84	77	75	75	93	78	57	111	66
Crioulos	79	193	86	38	80	164	76	144	77	129	85	154	88	122	104	102
Africanos	90	154	71	46	95	130	86	81	87	75	75	94	97	75	102	70
Homens Crioulos	84	106	92	19	85	76	83	71	78	65	94	72	95	72	94	46
Mulheres Crioulas	74	87	80	19	76	88	69	73	76	64	78	82	78	50	112	56
Homens Africanos	95	122	74	37	94	114	87	70	88	64	78	83	99	68	101	60
Mulheres Africanas	70	32	57	9	103	15	81	11	79	11	52	11	77	7	107	10
idades 1-14	65	93	55	15	56	80	52	64	58	78	60	72	62	49	78	60
Homens	61	49	49	5	59	42	57	35	59	42	63	32	62	29	83	29
Mulheres	69	44	58	10	53	38	47	29	56	36	59	40	62	20	73	31
Crioulos	65	92	55	15	56	80	52	64	58	77	61	70	61	48	75	57
Africanos									20	1	33	2	115	1	140	3
Idades 15-40	111	161	110	41	115	160	113	103	115	79	116	103	123	102	143	73
Homens	125	105	113	31	120	101	124	62	122	47	125	65	130	75	133	44
Mulheres	84	56	102	10	106	59	96	41	106	32	100	38	102	27	158	29
Crioulos	107	65	110	20	116	66	111	59	111	47	115	66	119	59	151	40
Africanos	114	90	110	21	114	82	116	44	123	32	118	37	128	43	134	33
Homens Crioulos	125	33	115	12	132	27	129	26	116	21	130	32	132	34	124	18
Mulheres Crioulas	88	32	102	8	106	39	96	33	106	26	101	34	102	25	172	22
Homens Africanos	127	66	111	19	115	68	121	36	126	26	121	33	129	41	139	26
Mulheres Africanas	79	24	100	2	107	14	93	8	107	6	90	4	105	2	116	7
Idades 41+	56	72	40	28	51	63	50	58	60	47	53	73	54	46	68	39
Homens	59	61	38	21	53	51	52	44	63	40	53	58	56	36	66	33
Mulheres	38	11	45	7	39	12	45	14	46	7	53	15	46	10	77	6
Crioulos	46	14	60	2	50	16	48	21	51	5	69	18	53	15	65	5
Africanos	57	55	38	25	52	42	52	37	62	42	47	55	54	31	68	34

continua

	continuação					
	1806		1807		1808	
	Preço	N	Preço	N	Preço	N
Todos os Escravos	89	48	95	36	102	148
Homens	91	37	92	22	105	95
Mulheres	83	11	99	14	95	53
Crioulos	87	30	93	22	99	92
Africanos	93	18	97	14	106	56
Homens Crioulos	92	20	96	13	102	52
Mulheres Crioulas	78	10	89	9	95	40
Homens Africanos	91	17	85	9	109	43
Mulheres Africanas	130	1	117	5	97	13
Idades 1-14	72	14	61	12	85	50
Homens	80	10	61	6	85	30
Mulheres	52	4	62	6	85	20
Crioulos	72	14	63	11	84	48
Africanos			40	1	115	2
Idades 15-40	127	21	129	18	126	64
Homens	141	14	131	10	132	40
Mulheres	101	7	128	8	117	24
Crioulos	120	12	124	11	121	38
Africanos	138	9	139	7	134	26
Homens Crioulos	143	6	126	7	129	19
Mulheres Crioulas	96	6	119	4	113	19
Homens Africanos	139	8	142	3	135	21
Mulheres Africanas	130	1	136	4	132	5
Idades 41+	47	13	57	6	79	34
Homens	47	13	57	6	86	25
Mulheres					59	9
Crioulos	44	4			78	6
Africanos	48	9	57	6	79	28

Conclusões

Os dados coligidos e apresentados neste trabalho constituem o primeiro exame sistemático de uma base de dados em série temporal sobre aspectos demográficos e econômicos da escravidão em Minas Gerais na esteira do legendário *boom* aurífero de princípios do século XVIII. Eles conduzem a duas conclusões fundamentais. Primeira, a de que a população escrava da capitania estava passando por um processo de mudança de sua estrutura demográfica em direção a uma população cujas características eram

determinadas pela reprodução. Isso é indicado pelo constante declínio da razão entre homens e mulheres após 1750, pela alteração da estrutura etária da população cativa, composta por um número cada vez maior de jovens, e pelo fato de que a porcentagem de escravos nascidos no Brasil na população escrava total aumentou até se tornar predominante em fins do século XVIII e início do século XIX. Vários outros indicadores, como por exemplo a razão entre crianças e mulheres e a razão de dependência da população em 1808 corroboram essa conclusão. O declínio do tráfico de escravos para Minas na segunda metade do século XVIII está implícito nessas constatações.⁽³³⁾

A segunda conclusão poderia ter sido antevista pela historiografia econômica brasileira. Não surpreende verificar que os valores de escravos declinaram com o colapso da mineração aurífera e se estabilizaram quando a economia da capitania entrou num processo de reorganização. Precisamente as dimensões e a direção dessa reorganização têm sido o tema do debate acadêmico. Estes dados indicam uma tendência de elevação nos valores de escravos durante a década de 1790, tendência essa que prosseguiu no início do século XIX. Esse padrão provavelmente não foi exclusivo de Minas Gerais, sendo provável a ocorrência de aumentos nos valores de escravos em outras partes do Brasil. Aumentos gerais de preços no final do século XVIII e as altas demandas por produtos primários nos mercados europeus estimularam o crescimento econômico em toda a colônia, o que elevou consideravelmente as demandas por mão-de-obra na maioria das regiões. A expansão do tráfico de escravos africanos foi uma reação lógica a condições econômicas favoráveis.⁽³⁴⁾ Algumas questões fundamentais sobre a história da escravidão em Minas Gerais emergem em razão da revitalização econômica e do ressurgimento do tráfico de escravos no Brasil em princípios do século XIX. Entre as mais importantes a serem respondidas por futuros estudos está o volume preciso do tráfico de cativos para a região e o impacto que novas entradas de escravos produziram sobre as tendências demográficas e de mercado encontradas neste e em outros estudos.⁽³⁵⁾

(33) Os diversos estudos de listas nominativas de escravos de Minas Gerais durante o início da década de 1830 indicam que a reprodução escrava estava em franco desenvolvimento na quarta década do século XIX. Ver PAIVA & LIBBY (1992). Este artigo identifica em fins do século XVIII o provável início de padrões reprodutivos líquidos positivos entre a população cativa de Minas Gerais.

(34) Ver ELTIS (1987, p. 243) para dados sobre o tráfico de escravos para o Brasil em fins do século XVIII.

(35) Este artigo representa o início de um projeto de longo prazo sobre a escravidão em Minas Gerais que, espero, responderá a algumas dessas questões. Estou em processo de criar uma vasta base de dados sobre a escravidão em várias localidades de Minas (Ouro Preto, São João del Rey, Mariana e Diamantina), usando inventários do início do século XVIII, desde quando eles se tornaram disponíveis até a abolição, em 1888.

Referências Bibliográficas

- ALDEN, Dauril. Price movements in Brazil before, during, and after the gold boom, with special reference to the Salvador market, 1670-1769. In: JOHNSON JR., H. B. & TANDETER, E. (eds.), *Essays on the price history of eighteenth-century Latin America*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1990.
- _____. *Royal government in colonial Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1968.
- _____. Late colonial Brazil, 1750-1808. In: BETHELL, Leslie (ed.), *Colonial Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- _____. & DEAN, Warren (eds.). *Essays concerning the socioeconomic history of Brazil and Portuguese India*. Gainesville: University Presses of Florida, 1977.
- ARRUDA, José Jobson de A. *O Brasil no comércio colonial*. São Paulo: Ática, 1980.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A decadência de Minas e a fuga da mineração*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1971.
- BARICKMAN, B. J. A bit of land, which they call *roça*: slave provision grounds in the Bahian Recôncavo, 1780-1860. *Hispanic American Historical Review*, v. 74, n. 4, p. 649-687, 1994.
- BERGAD, Laird W., GARCÍA, Fe Iglesias & BARCIA, María del Carmen. *The Cuban slave market, 1790-1880*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- BOXER, C. R. *The golden age of Brazil: 1695-1750*. Berkeley: University of California Press, 1964.
- BUESCU, Mircea. *300 anos de inflação*. Rio de Janeiro: APEC, 1973.
- CANO, Wilson & LUNA, Francisco Vidal. La reproducción natural de los esclavos en Minas Gerais: una hipótesis. Lima: *Revista Latinoamericana de História Económica y Social*, v. 4, n. 2, p. 129-135, 1984.
- CONRAD, Alfred H. & MEYER, John R. The economics of slavery in the ante bellum south. *Journal of Political Economy*, v. 66, p. 95-130, April 1958.
- COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1981.
- COSTA, Iraci del Nero da, SLENES, Robert W. & SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 245-295, maio/ago. 1987.
- ELTIS, David. *Economic growth and the ending of the transatlantic slave trade*. New York: Oxford University Press, 1987.

- ENGERMAN, Stanley L. The effects of slavery upon the southern economy: a review of the recent debate. *Explorations in Entrepreneurial History* (second series), v. 4, n. 2, p. 71-97, 1967. Reimpresso em AITKEN, Hugh G. J. (ed.), *Did slavery pay? Readings in the economics of black slavery in the United States*. Boston: Houghton Mifflin, 1971.
- EVANS JR., Robert. The economics of american negro slavery, 1830-1860. In: Universities-National Bureau Committee for Economic Research, *Aspects of labor economics*. Princeton: Princeton University Press, 1962.
- FOGEL, Robert W. & ENGERMAN, Stanley L. *Time on the cross: the economics of american negro slavery*. New York: W. W. Norton, 1974.
- GOULART, Maurício. *Escravidão africana no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- GUTIÉRREZ, Horacio. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná. *Estudos Econômicos*, v. 17, n. 2, p. 297-314, maio/ago. 1987.
- _____. Crioulos e africanos no Paraná, 1798-1830. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, 1988.
- HIGGINS, Kathleen Joan. *The slave society in eighteenth-century Sabará: a community study in colonial Brazil*. Tese de Ph. D, Yale University, 1987.
- JOHNSON JR., Harold B. A preliminary inquiry into money, prices, and wages in Rio de Janeiro, 1763-1823. In: ALDEN, Dauril (ed.), *The colonial roots of modern Brazil*. Berkeley: University of California Press, 1973.
- JOHNSON, Lyman L. & TANDETER, Enrique. *Essays on the price history of eighteenth-century Latin America*. Albuquerque: University of New México Press, 1990.
- KIERNAN, James Patrick. *The manumission of slaves in colonial Brazil: Paraty: 1789-1822*. Tese de Ph. D, New York University, 1976.
- KLEIN, Herbert S. The population of Minas Gerais: new research on colonial Brazil. *Latin American Population History Newsletter*, v. 4, n. 1-2, p. 3-10, 1984.
- LIBBY, Douglas Cobe. *Transformação e trabalho em uma economia escravista. Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, 1988.
- _____. Proto-industrialisation in a slave society: the case of Minas Gerais. *Journal of Latin American Studies*, n. 23, p. 1-35, 1991.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo: FIPE/PIONEIRA, 1982.

- _____. Demografia histórica de Minas Gerais no período colonial. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, n. 58, p. 15-62, 1984.
- _____. Algumas características do contingente de cativos em Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*, v. 29, p. 79-97, 1979.
- LUNA, Francisco Vidal & CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. *Cadernos IFCH/UNICAMP*, n. 10, out. 1985.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. Escravos e senhores no Brasil no início do século XIX: São Paulo em 1829. *Estudos Econômicos* v. 20, n. 3, p. 349-379, set./dez. 1990.
- MARTINS FILHO, Amilcar & MARTINS, Roberto B. Slavery in a non-export economy: nineteenth-century Minas Gerais revisited. *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 537-568, 1983.
- _____. Slavery in a non-export economy: a reply. *Hispanic American Historical Review*, v. 64, n. 1, p. 135-146, 1984.
- MARTINS, Robert B. *Growing in silence: the slave economy of nineteenth-century Minas Gerais, Brazil*. Tese de Ph.D., Vanderbilt University, 1980.
- _____. *Minas e o tráfico de escravos no século XIX, outra vez*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1994 (texto para discussão n. 70).
- MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na capitania de Minas Gerais (Vila Rica 1804)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969.
- MATOS, Raimundo José da Cunha. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979, 2 v.
- MAXWELL, Kenneth R. *Conflicts and conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1808*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- MATTOSO, Kátia M., KLEIN, Herbert S. & ENGERMAN, Stanley. Trend and patterns in the prices of manumitted slaves: Bahia, 1819-1888. *Slavery and Abolition*, v.7, n. 1, p. 59-67, May 1986.
- MELLO, Pedro C. de. Rates of return on slave capital in brazilian coffee plantations, 1871-1881. In: FOGEL, Robert W. & ENGERMAN, Stanley (eds.), *Without consent or contract: conditions of slave life and the transition to freedom: technical papers*. New York: W. W. Norton, 1992, v. 1
- _____. Expectation of abolition and sanguinity of coffee planters in Brazil, 1871-1881. In: Fogel, Robert W. & ENGERMAN, Stanley (eds.), *Without consent or contract: conditions of slave life and the transition to freedom: technical papers*. New York: W. W. Norton, 1992, v. 2.

- _____. *The economic of labor in brazilian coffee plantations, 1850-1880*. Tese de Ph.D., University of Chicago, 1977.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- MILLER, Joseph C. The numbers, origins, and destinations of slaves in the eighteenth-century Angolan slave trade. In: INIKORI, Joseph E. & ENGERMAN, Stanley L. (eds.), *The atlantic slave trade: effects on economies, societies, and peoples in Africa, the Americas, and Europe*. Durham: Duke University Press, 1992.
- MOTTA, José Flávio. A família escrava e a penetração do café em Bananal (1801-1829). *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 5, 1988.
- NISHIDA, Mieko. Manumission and ethnicity in urban slavery: Salvador, Brazil 1808-1888. *Hispanic American Historical Review*, v. 73, n. 3, p. 361-391, 1993.
- PAIVA, Clotilde Andrade & LIBBY, Douglas Cole. The middle path: alternative patterns of slave demographics in nineteenth-century Minas Gerais. *El poblamiento de las Americas*. Vera Cruz: 1992, 3 v.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. *The black man in slavery and freedom in colonial Brazil*. New York: St. Martin's Press, 1982.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SCHWARTZ, Stuart B. The manumission of slaves in colonial Brazil: Bahia 1684-1745. *Hispanic American Historical Review*, v. 54, n. 4, p. 603-635, 1974.
- _____. *Sugar plantations in the formation of brazilian society: Bahia, 1550-1835*. New York: Cambridge University Press, 1985.
- _____. Recent trends in the study of brazilian slavery. In: SCHWARTZ, Stuart B. (ed.), *Slaves, peasants, and rebels: reconsidering brazilian slavery*. Urbana: University of Illinois Press, 1992.
- SILVA, André Mansuy-Diniz. Imperial reorganization, 1750-1808. In: BETHELL, Leslie (ed.), *Colonial Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. [Cambridge: Latin American History (versões em paperback)].
- SLENES, Robert W. *The demography and economics of brazilian slavery*. Tese de Ph.D., Stanford University, 1976.
- _____. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. *Cadernos IFCH/UNICAMP*, n. 17, jun. 1985.

- SLENES, Robert W., DEAN, Warren, ENGERMAN, Stanley & GENOVESE, Eugene. D. Comments on slavery in a non-export economy(I, II, III). *Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3 , p. 569-590, 1983.
- STECKEL, Richard H. Children and choice: a comparative analysis of slave and white fertility in the ante bellun south. In: FOGEL, Robert William & ENGERMAN, Stanley L. (eds.), *Without consent or contract: conditions of slave life and the transition to freedom: technical papers*. New York: W.W. Norton, 1992.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, 3 v.
- VON ESCHWEGE. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, v. 1.
- WOODMAN, Harold D. (ed.) *Slavery and the southern economy*. New York: Harcourt, Brace, and World, 1966.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1951.

(Recebido em agosto de 1994. Aceito para publicação em fevereiro de 1995).